

A Revolução de 1930 em Minas Gerais: emprego do avião¹

*Alcyr Lintz Geraldo**

O envolvimento de Minas Gerais na revolução

A presença de Minas Gerais entre os estados participantes do movimento revolucionário, que sacudiu o Brasil em outubro de 1930, teve como causa fundamental as eleições que se realizaram em 1º de março daquele ano para a Presidência da República, a fim de cumprir o quadriênio de 1930-34.

Vigorava, no país, desde o governo de Campos Sales a chamada “política do café com leite”, pela qual revezavam-se na chefia do poder executivo federal cidadãos oriundos dos estados de São Paulo ou de Minas Gerais, ao arripio de inúmeras outras unidades federadas, tais como Rio Grande do Sul, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Isso acontecia porque os dois estados primeiramente citados eram os que tinham maior expressão econômica e maior contingente eleitoral, respectivamente. Não havia partidos nacionais. Cada estado tinha o seu Partido Republicano. Assim, esse grêmio, relativo ao estado que deveria ocupar a Presidência, indicava o candidato que se tornava o “oficial”, vindo a ser o ungido do presidente da República que coordenava o pleito.

Para a eleição de 1930, cabia ao Estado de Minas Gerais indicar o candidato para o quadriênio seguinte. Governava o estado mediter-

râneo Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, descendente da família do Patriarca da Independência, político fino e hábil, dono de majestoso currículo, ornamentado pelos melhores títulos para aspirar o primeiro mandato do país.

No entanto, o Presidente da República em exercício, Washington Luís, lhe devotava fidal antipatia e, em termos de política financeira, caminhavam em sentidos diferentes. Violando o costume do “café com leite,” Washington inclina-se pela candidatura do Presidente do Estado de São Paulo, Júlio Prestes. Andrada, ultrajado, compõe-se com os políticos do Rio Grande do Sul e da Paraíba e lançam uma candidatura discordante, representada pelo Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas, para enfrentar a oficial.

O processo eleitoral, à época, era eivado de muitos vícios. A fraude imperava na realização e na apuração dos pleitos, e, assim, o movimento formado pelos três estados dissidentes, a Aliança Liberal, não logrou êxito nas eleições que bafejaram a candidatura apoiada pelo presidente da República.

Muitos aliancistas, principalmente a ala jovem do Partido Republicano Riograndense e o Partido Libertador, também do Rio Grande do Sul, não aceitaram a vitória do candidato do governo federal por meio de eleições nas quais a fraude predominou em todos os

¹ Transcrito do portal RESERVAER, por correio eletrônico.

* O autor é Tenente-Coronel Reformado da Aeronáutica e Sócio efetivo do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil – IGHMB.

sentidos. E dispunham-se a recorrer ao “prélio terrível das armas,” como disse um deles, João Neves da Fontoura, para expurgar definitivamente do Brasil aquelas práticas eleitorais totalmente descabidas. Uniram-se a proeminentes figuras da política mineira que convenceram o Presidente Antônio Carlos a assumir o compromisso de que o Estado de Minas Gerais participaria do movimento. Essa promessa foi mantida pelo seu sucessor, Olegário Maciel, a quem ele passou a Presidência de Minas Gerais, em 7 de setembro de 1930.

Eis aí, em brevíssima síntese, o porquê de o Estado de Minas Gerais ter sido um dos participantes da insurreição de 1930.

Aeronaves participam da sublevação

Como assevera o saudoso Tenente-Brigadeiro-do-Ar Néelson Freire Lavenère Wanderley, em seu livro *História da Força Aérea Brasileira*, Segunda edição, feita pelo Ministério da Aeronáutica em 1975, página 103, foi de pequenas proporções o papel da aviação no movimento de 1930. Como tais palavras se referem a todo o território nacional, não há como não se aplicarem ao estado montesino.

A pesquisa histórica sobre o tema permite concluir que, praticamente, o avião se fez presente em Minas Gerais na revolução de 1930, tanto entre governistas como entre revolucionários. Suas atividades pouco alcançaram além de ações psicológicas de ambos os lados, podendo-se afirmar que algum anunciado emprego do avião não se concretizou. Tal ocorreu com o *show* aéreo anunciado pela chamada Concentração Conservadora, para ser concretizado no Congresso do Café que ela pretendia realizar na cidade de Muriaé e que não foi levado a cabo.

Essa agremiação, que reunia os seguidores da candidatura Júlio Prestes, como tal anti-

revolucionários, tendo como numes tutelares Manoel Thomaz Carvalho Britto e Fernando de Melo Viana, no dia da eleição, 1º de março de 1930, pretendeu realizar vôos distribuindo falaciosas notícias perturbadoras e boletins favoráveis ao candidato do governo federal. Em algumas cidades, conseguiu. Em outras, tal não possível por causa das condições atmosféricas. É o que resulta cristalino dos telegramas daquela data, transcritos por Aurino Moraes, em *Minas na Aliança Liberal e na Revolução*, edição fac-similar da Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação, Coordenação de Publicações, 1990, páginas 239 e 240, a saber:

“Recommendado – General Comandante Quarta Região Militar – Juiz de Fora – respondendo vosso telegramma informo-vos campo pouso Pedro Leopoldo magníficas condições. Tempo muito firme. Mandarei amanhã novas informações tempo Pedro Leopoldo. Saudações atenciosas. – José Monteiro Machado,” Director da Fazenda Modelo.

Urgente – em 26-2- Raul Carvalho Britto – Rua Anita Garibaldi, 37 – Copacabana – procure Dante avisando já estar prompto e acabado campo de aviação em Pedro Leopoldo. Poderá vir desde já. Abraços. – Carvalho Britto.

General Mariante – Directoria Aviação – Rua Barão de Mesquita – Rio – tive notícias agora, intermédio Dr. Britto esquadrilha havia saído São João. Felizmente desarranjo um motor não pode aqui chegar, voltando São João. Seria bom aviso ter eu ciência vinda mesma, afim informar condições tempo, que aqui têm sido péssimas. Saudações – Tenente Floriano, visto: C. Britto.

Urgentíssimo – 1º março – General Azevedo Costa – Juiz de Fora – solicitamos fineza informar si avião da concentração partiu do Rio às 9 horas aterrisou ahi. Tempo aqui ins-

tavel, tendencias melhorar. Cordeaes Saudações. – Carvalho Britto.

Urgente – Tenente Floriano – Fazenda Modelo – Pedro Leopoldo.

Communico presença Juiz Fora avião Carvalho Britto que tenciona voar aqui seguindo Campo Pedro Leopoldo. Tempo aqui incerto tendencia melhorar. Avisarei passagem aparelho – saudações. – José Monteiro Machado, director Fazenda Modelo. (pedir resposta e entregar Sr. Mineiro).

Commandante 11^o Regimento – São João Del Rey (Minas).

Tempo aqui pessimo impossivel aterrissagem aviões – Tenente Floriano. Visto: C. Britto.

(Observação: observou-se a ortografia da época nas transcrições acima)

O militar que assina alguns dos telegramas retro falados é o Tenente Floriano Peixoto da Fontoura Nunes, natural do Rio Grande do Sul, formado pela Escola Militar do Realengo na arma de Cavalaria. Posteriormente, foi transferido para arma de Aviação ao concluir o curso da Escola de Aviação Militar. De sua vida profissional, infere-se ter sido cultor da legalidade, eis que combateu os revoltosos de 1924 como componente do Destacamento Norte de cujo comandante foi ajudante de ordens, bem como do comandante da 5^a Região Militar. Ocupou importantes cargos em organizações pertencentes às duas armas a que pertenceu. Como aviador militar, foi um dos pioneiros do Correio Aéreo Militar. Faleceu em acidente aéreo em 19 de dezembro de 1934 e seu corpo foi sepultado no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro. Como se viu, ainda em 1930, Floriano tinha posição legalista.

O emprego de aviões em Minas Gerais, no dia do pleito, é referido por Eptácio Pessoa em entrevista concedida ao *Jornal do Commercio*, em maio de 1930, transcrita por

Aurino Moraes, in *op. cit.* página 278. No dia 3 de setembro, chegou um avião a Barbacena pilotado pelo Capitão Chevalier. Precedia caravana de rebeldes que vinha àquela cidade e a Belo Horizonte, sob a chefia de Pedro Ernesto, líder revolucionário no Rio de Janeiro, eis que se cogitava o eclodir da revolução para o dia 5 daquele mês.

Em 8 de setembro, Pedro Ernesto, líder revolucionário no Rio de Janeiro, telegrafa de Belo Horizonte a Virgílio de Melo Franco, que se encontrava em Porto Alegre, informando-o da existência de 10 aviadores na antiga capital federal, no aguardo de ordens dos chefes do movimento para bombardear o palácio no Rio e, em seguida, seguir para a capital montanhosa. Não esqueçamos que Djalma Pinheiro Machado havia sido encarregado de adquirir aviões, caso a revolução viesse mesmo a acontecer.

No dia em que a revolução eclodiu, o Comandante do 12^o Regimento de Infantaria, Coronel José Joaquim de Andrade, desempenhava o comando interino da 8^a Brigada da mesma arma, ambos com parada em Belo Horizonte, em virtude das férias do General Dógenes Tourinho, Comandante daquela grande unidade. Esse elevado chefe militar optara pelo descanso após a calmaria que se seguiu à posse de Olegário Maciel na Presidência do estado montanhês. A prisão do Coronel Andrade foi efetuada por elementos da polícia civil mineira, gente totalmente despreparada para as atividades que exerciam e desprovida de qualquer categoria para prender o oficial do Exército de maior grau hierárquico que servia na cidade à época e que desempenhava cargo atribuído a oficial-general. Foi executada da maneira mais violenta, humilhante e desrespeitosa à pessoa do coronel e à sua família. Na Secretaria do Interior do Estado de Minas Gerais, para onde foi ele conduzido, Cristiano Machado, titular daquela

repartição, e os sediciosos Mário Brant e Odilon Braga ameaçaram-no com o bombardeio do quartel do 12º R.I. pela aviação rebelde, caso aquela unidade não se rendesse.

O que está acima exposto leva a crer que tal “aviação rebelde” provavelmente fosse constituída pelos aviadores a que se referira Pedro Ernesto. Por outro lado, o Tenente-Brigadeiro Néelson Freire Levenère Wanderley, *in loc. cit.* informa que quatro aeronaves militares decolaram do campo dos Afonsos para Belo Horizonte a fim de se reunirem aos revoltosos mineiros. Foram elas e os respectivos tripulantes:

Potez 25 T O EA 11 – Tenentes Casimiro Montenegro Filho e Antônio Lemos Cunha.

Morane 130 K 218 – Tenentes Clóvis Travassos e Agilberto Vieira de Azevedo.

Morane 130 K 224 – Sargento ajudante Carlos Brunswick França e 3º Sargento Dinarco Reis.

Morane 130 K 217 – Sargentos Tíndaro Pereira Dias e Otávio Francisco dos Santos.

O atual Marechal Casimiro Montenegro Filho, em entrevista à Revista Aeronáutica, confirma as informações ditas pelo Brigadeiro Wanderley. Afirma haver se entusiasmado com a idéia revolucionária, tornando-se elemento de ligação entre a antiga Escola de Aviação Militar e os sediciosos que haviam sido expurgados da Marinha e do Exército. Partiu para Minas Gerais, onde se reuniu aos amotinados montesinos. Voava sobre os quartéis lançando panfletos concitando seus componentes a não combater.

Corroborando as notícias supra, o *Jornal Revolucionário*, órgão oficial da 4ª Região Militar Revolucionária, editado em Barbacena no período compreendido entre 4 e 29 de outubro, cujo redator era o futuro Deputado Federal José Bonifácio Lafayett de Andrada, em sua

edição do dia 9, torna público o pouso, em Belo Horizonte, da aeronave tripulada pelos tenentes Travassos e Agilberto.

O mesmo jornal, em edição do dia seguinte, informa que a aeronave supra voara sobre São João del Rei no dia anterior. Procedera a ações de reconhecimento e de caráter psicológico, eis que lançou sobre a cidade inúmeros boletins concitando o 11º Regimento de Infantaria a se render. Atirou, ainda, sobre o quartel algumas pequenas granadas.

A edição do dia 16 de outubro do *Jornal Revolucionário* fala de um avião que passara sobre Barbacena no rumo de Juiz de Fora e, pouco depois, regressara e seguira para Belo Horizonte, em missão de reconhecimento. Seria o avião pilotado pelo Tenente Casimiro? Ele declarou também na entrevista supra referida que ia e voltava ao Campo dos Afonsos com a maior liberdade. Ou seria um dos outros três aviões a que se refere o Tenente-Brigadeiro Wanderley? Dizia, ainda, o jornal acima referido que Barbacena seria a base para vários aviões que estavam sendo esperados com a finalidade de bombardear os quartéis de São João del Rei e Juiz de Fora, porque o combate decisivo deveria travar-se dentro de três dias.

Ainda é no jornal supra nomeado, em edição sob número seis, do mesmo dia 16 de outubro, que o Padre José Ferreira Gomes relata que, às 17h do dia anterior, uma aeronave, não identificada como rebelde ou como governista, sobrevoara São João del Rei em arriscadas acrobacias.

E na edição de 23 de outubro, veicula que um avião revoltoso sobrevoou Barbacena pilotado pelo sargento Tíndaro. Procedia de São João del Rei, para onde regressou.

O mesmo órgão atesta ação psicológica aérea sobre Juiz de Fora representada pelo lan-

çamento de jornais e boletins informando a população local sobre o desenrolar da revolução. Relata que a aeronave em apreço lançou uma bomba sobre um avião governista que estava pousado naquela localidade, destruindo-o.

Ocorre, ainda mais, que o Capitão José Justiniano Freire, in *A odisséia do 12º Regimento*, editado pela Oficina de Encadernação e Pautação, Rio de Janeiro, 1935, p. 162, refere-se a um avião do Exército que, na tarde de 7 de outubro, voara, à grande altura, sobre o quartel do 12º Regimento de Infantaria. Lançava boletins que, endereçados ao Regimento, sobre ele não caíram e, sim, nas linhas da Força Pública. Eles continham mensagem do Tenente-Coronel Aristarcho Pessoa, irmão de João Pessoa e um dos comandantes da revolução em Minas Gerais, concitando o quartel à rendição sob pena de bombardeio aéreo.

No fim daquela tarde, outro avião sobrevoou o quartel e, provavelmente, tenha lido a mensagem que lhe fora dirigida mediante a escrita, com tinta branca, no terreno da caserna da palavra Socorro, e depois substituída pelo vocábulo Notícias. Tem-se como certo que tais palavras foram divisadas pelo piloto desse avião, pois elas figuraram em boletins esparsos pela capital mineira, pelo que se admite que tal aparelho deveria pertencer à aviação rebelde. Pousou ele no Prado Mineiro e foi recolhido a um hangar, improvisado em um telheiro.

Quanto à aviação governista, o Tenente-Coronel (PMMG) Paulo René de Andrade nos dá conta de um avião que, no dia 5 de outubro, voara lentamente, em altura relativamente baixa, "sobre os quartéis, o Palácio da Liberdade e o 12º Regimento de Infantaria". Como não tomasse nenhuma atitude hostil, admite-se que desempenhava missão de reconhecimento. A notícia é confirmada por Auri-

no Moraes, in *op. cit.*, página 424, dizendo que se tratava de um avião governista efetuando, realmente, tal tipo de missão, para levantar planta topográfica de Belo Horizonte e assegurar-se da situação na capital mineira, a qual era desconhecida do próprio governo federal.

Relativamente às ações de combate (se é que podemos assim considerá-las), de que nos dão notícia as fontes bibliográficas acima citadas, uma delas ocorreu quando da chegada do então Tenente Casimiro Montenegro Filho a Belo Horizonte. Diz ele, na entrevista retro referida, que, quando chegou à capital mineira, foi perseguido por dois aviões que lá se encontravam e que lançaram uma bomba sobre sua aeronave. Nem ele nem Lemos Cunha foram atingidos. O artefato, todavia, alcançou dois soldados que passavam. Casimiro ordenou a outros soldados que atirassem no radiador do avião atacante que, assim, teve que descer a alguns quilômetros de distância. Seu tripulante, Tenente João Gomes Ribeiro, filho do General João Gomes, foi preso.

O Tenente-Coronel Paulo René, in *loc. cit.*, assevera que, no dia 6 de outubro, surgiram dois aviões em Belo Horizonte. Um deles lançou três bombas sobre a tropa da Força Pública que atacava o quartel do 12º Regimento de Infantaria, não produzindo efeito algum. Diz mais que a aeronave foi alcançada por tiros disparados do terraço do prédio da Secretaria do Interior. Em conseqüência, a aeronave teria feito um pouso forçado em Suaçuí, de onde seus tripulantes teriam sido encaminhados à prisão na capital montanhosa.

O outro avião pousou no Barreiro e seus ocupantes incorporaram-se às fileiras revolucionárias.

Lado outro, o capitão Josué Justiniano Freire, in *op. cit.*, p. 158, confirma o fato supra

narrado. Diz que um avião comunicou-se com o Regimento por sinais. Após metralhar posições da Força Pública, efetivamente, jogou três bombas, duas atrás do Abrigo de Menores e uma à retaguarda da Escola Maternal. O piloto era o Tenente-Aviador José Ângelo Gomes Ribeiro, preso após ter feito um pouso forçado no campo de aviação do estado, causado por avaria no motor.

Aurino Moraes, *in op. cit.*, páginas 428 e 429, igualmente, relata esses fatos, confirmando-os.

Cotejando todas as informações supra arroladas, sou forçado a concluir que esse avião foi o mesmo que atacou a aeronave pilotada pelo Tenente Casimiro, quando da chegada deste a Belo Horizonte. As avarias lhe foram produzidas ou pelos tiros disparados do terraço da Secretaria do Interior ou pelos desfechos no campo onde atacou o avião pilotado pelo Tenente Casimiro. A meu aviso, essa segunda hipótese parece ser mais aceitável. Seria mais fácil acertá-lo atacando um avião no solo, quando deveria estar voando a baixa altura. Considero ainda que Casimiro ordenou que a agressão fosse feita por meio de tiros no radiador, o que é de se admitir que seja parte mais

vulnerável, melhor conhecida por um aviador. Não descarto, todavia, a possibilidade de ter o avião sobrevoado o prédio da Secretaria de Segurança também à baixa altura, o que o tornaria alvo mais fácil aos tiros vindos do terraço. Não se pode estabelecer a causa eficiente do pouso forçado: se o ataque do terraço ou se o do campo de aviação.

Conclusão

De tudo o que está exposto retro, inequivocamente, conclui-se ter sido muito discreto o emprego da aviação no movimento revolucionário de 1930, no Estado de Minas Gerais.

Basicamente, não passou de ações psicológicas, algumas, concretas, outras, anunciadas, mas não ocorridas. Houve missões de reconhecimento desempenhadas não só pela aviação legalista, como também pela rebelde, o ataque às tropas da Força Pública, que sitiavam o quartel do 12º Regimento de Infantaria, e a agressão a um avião revolucionário, repellido por ordem de seu comandante, em consequência do que, provavelmente, tenha sido ele avariado e preso seu tripulante. ☉



BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA Coleção General Benício

1984

George Orwell

Ao forjar uma situação antiutópica, a narrativa alerta para os extremos a que pode conduzir qualquer proposta totalitária.